



## GT 010. Antropologia da Economia

Arlei Sander Damo (UFRGS) - Coordenador/a  
 Eugênia de Souza Mello Guimarães Motta  
 Instituto de Estudos Sociais e Políticos) -  
 Coordenador/a, Gustavo Gomes Onto (UFRJ) -  
 Debatedor/a, Lúcia Helena Alves Müller (Pontifícia  
 Universidade Católica do Rio Grande dos Sul) -  
 Debatedor/a

Desde o nascimento da nossa disciplina os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, as formas de valoração e de provimento das condições materiais de continuidade da vida foram objeto de descrição e interpretação a partir dos modos de vida dos outros. As teorias econômicas já tinham grande importância nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas últimas décadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A importância dos especialistas, sejam acadêmicos ou gestores governamentais, nunca foi tão grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de políticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a própria definição sobre o que seja a economia ou que caracterize algo prática, teoria ou econômico. A Antropologia da Economia vem ganhando novo fôlego, com a organização de diversos eventos e publicações acadêmicas voltados a essa área de estudos. O objetivo do GT é propiciar um espaço dedicado a colocar em diálogo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico, como a relação com as práticas familiares, a intimidade, a religião, o consumo, a dívida, a política, as moralidades e assim por diante.

### **"No fio do bigode": relações de crédito entre agricultores familiares em São Lourenço, Nova Friburgo - RJ.**

**Autoria:** Natália Barroso Brandão

O objetivo do presente artigo é realizar uma discussão a respeito das diferentes racionalidades e moralidades econômicas que informam as práticas econômicas - principalmente aquelas envolvendo relações de crédito - estabelecidas entre agricultores familiares na comunidade de São Lourenço, no distrito de Campo do Coelho, em Nova Friburgo - RJ. Entre abril de 2016 e janeiro de 2017 residi na comunidade com o intuito de desenvolver a pesquisa que resultou em minha dissertação de mestrado, intitulada "Às vezes a gente precisa do papel" - Uma análise das relações contratuais na comunidade de São Lourenço em Nova Friburgo - RJ". Neste artigo, pretendo focalizar as transações econômicas (principalmente a compra e venda no "fiado" e os empréstimos) realizadas entre os próprios agricultores, assim como os diferentes circuitos de trocas acionados nas relações cotidianas que permitem que estes se insiram no "mercado". Tais relações de crédito, realizadas pelos agentes sem nenhuma formalização oficial ou garantia legal, são recorrentes e substituem em muitas situações os empréstimos institucionais (como o caso do financiamento ofertado pelo PRONAF), uma vez que são orientados por valores e moralidades diferentes daqueles promovidos pelo direito positivo e pela racionalidade econômica clássica ou pelo "mercado". A análise destas relações, serve então de subsídio para refletir a respeito dos valores e moralidades mobilizados nestas relações, determinando o modo como estas são estabelecidas e compreendidas pelos interlocutores. Assim, busco desenvolver uma discussão a respeito das duas moralidades vigentes ao mesmo tempo nestas relações: de um lado, a moralidade representada como local, que diz respeito a agentes e situações específicas, relacionada necessariamente às pessoas envolvidas na relação e baseada na "confiança" enquanto valor; e de outro, a moralidade relacionada a lógica do direito positivo e do sistema econômico, que diz respeito a promoção dos princípios



igualitários de uma ideologia individualista, baseada em regras determinadas e impessoais. Pretendo também analisar como relações aparentemente não orientadas por valores econômicos permitem que estes agricultores figurem no "mercado", pensando como estes mobilizam estratégias que os permitem tornar-se competitivos, e em como neste contexto as relações econômicas estão necessariamente "embebidas" (POLANYI, 1971) em outras relações sociais.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

